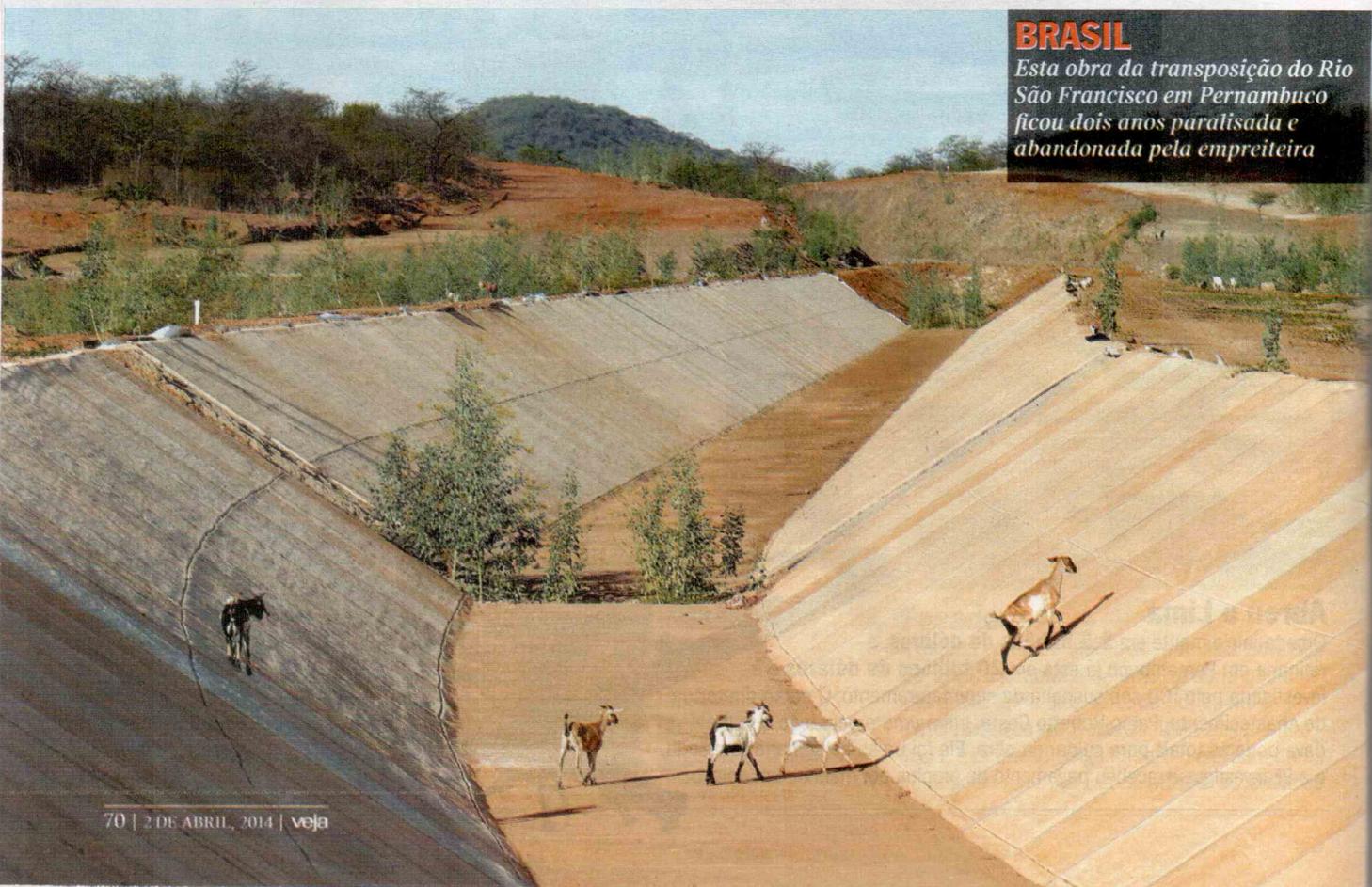




**NOVA ZELÂNDIA**  
A reconstrução de Christchurch, cidade destruída por terremotos, está dentro do prazo e o custo está meros 3% acima do previsto



**BRASIL**  
Esta obra da transposição do Rio São Francisco em Pernambuco ficou dois anos paralisada e abandonada pela empreiteira

# UM DIA NO PAÍS nº 1 EM HONESTIDADE...



**CARENTES DE ESCÂNDALOS** Manchetes neozelandesas na terça-feira 25: o piloto que ajuda na busca de avião desaparecido; o idoso sem aposentadoria; os jogadores de rúgbi que tomaram pílula para dormir (o que não é ilegal)

# ...E NO nº 72



**TRISTE REALIDADE** Jornais brasileiros do dia 25: aumento do risco para investidores; escândalo na Petrobras; Exército entra em favela; presos roubam armas de presídio

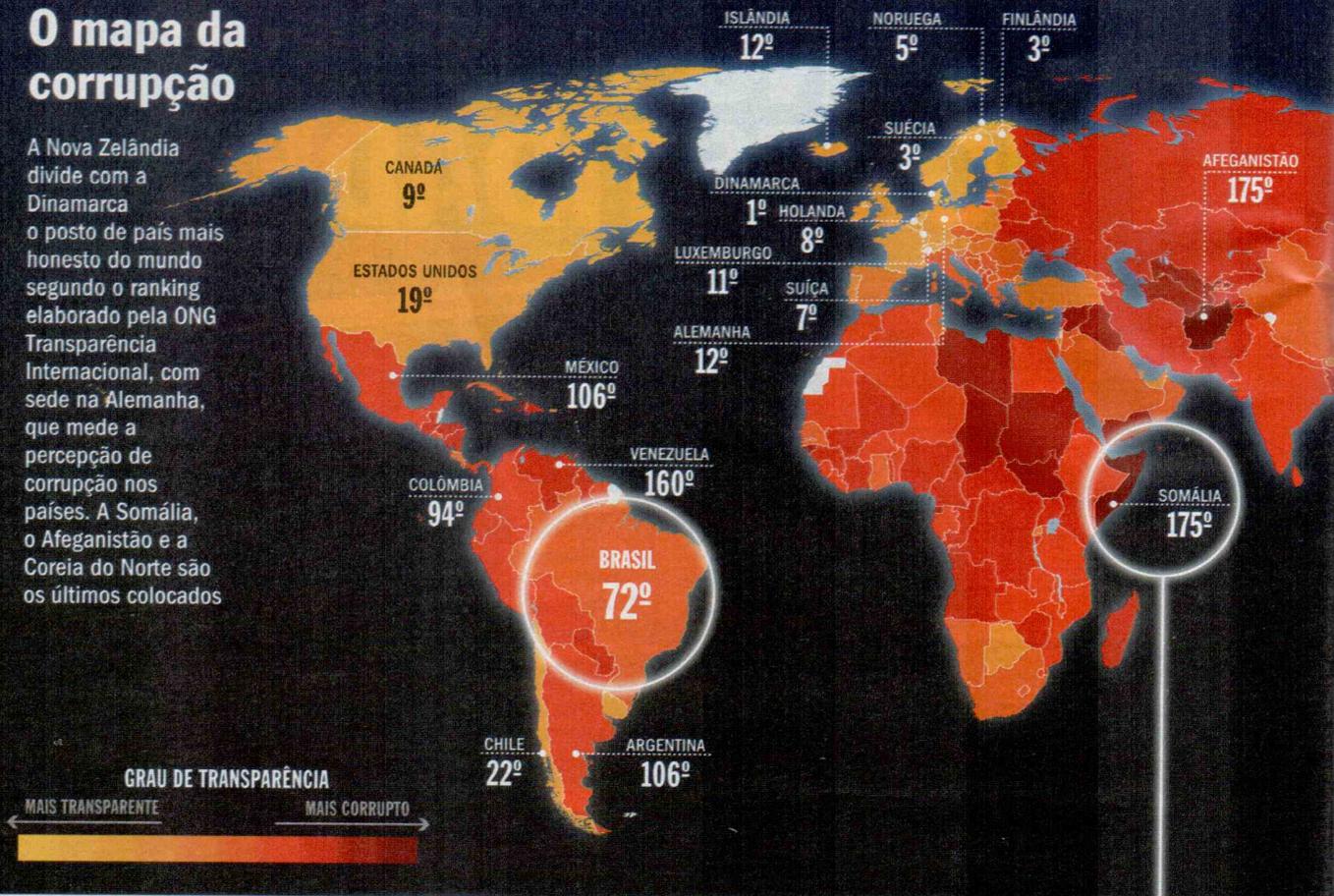


VEJA visitou a Nova Zelândia, a nação da Oceania que, junto com a Dinamarca, tem a menor percepção de corrupção do mundo, para extrair lições de integridade ética para o Brasil

DIOGO SCHELP, DE WELLINGTON

## O mapa da corrupção

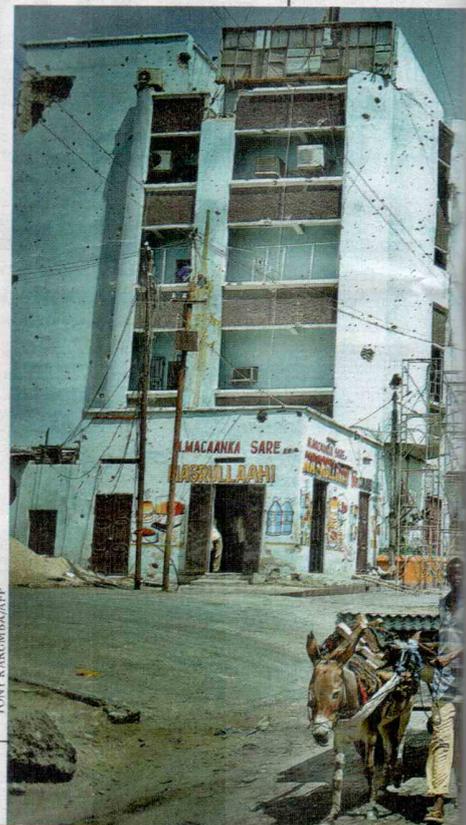
A Nova Zelândia divide com a Dinamarca o posto de país mais honesto do mundo segundo o ranking elaborado pela ONG Transparência Internacional, com sede na Alemanha, que mede a percepção de corrupção nos países. A Somália, o Afeganistão e a Coreia do Norte são os últimos colocados



**A** Nova Zelândia é um país isolado e remoto. A Austrália, que fica a quatro horas de avião, é o território continental mais próximo desse conjunto de ilhas do Oceano Pacífico, cuja área somada é um pouco maior do que a da Inglaterra. Essas características geográficas deram à Nova Zelândia uma fauna e uma flora únicas. Um dos animais que só existem por lá é o kiwi, um pássaro sem asas. Os cidadãos neozelandeses chamam a si próprios de *kiwis* e, num processo semelhante ao da seleção natural que resultou num ecossistema sem igual no mundo, foram agraciados com uma conjunção de fatores históricos, culturais, demográficos e institucionais que fez deles um dos povos mais honestos do mundo. Essa é uma percepção que os próprios neozelandeses têm de si, segundo a Transparência Internacional (veja o quadro acima), e é também

a impressão que um estrangeiro tem quando põe os pés no país. Os benefícios do respeito às leis e do bom uso do dinheiro público estão evidentes em toda parte. As ruas são impecavelmente limpas, os motoristas não buzina e não se xingam, as escolas e os hospitais públicos são de boa qualidade e o policiamento é feito por guardas desarmados. Nos terminais domésticos dos aeroportos, não há separação entre a esteira de bagagem e a porta de saída. Em teoria, qualquer um pode entrar e surrupiar uma mala. As únicas ameaças aparentes são os terremotos e alguns vulcões fumegantes. Não espanta que, imersos em tranquilidade, os neozelandeses sejam tão ávidos por buscar emoções nos esportes radicais.

Algumas características que deram ao país a reputação de honesto são inimitáveis. A Nova Zelândia foi o último lugar a ser colonizado pelos ingleses, a partir da segunda metade do século XVIII. Houve conflitos com os nativos



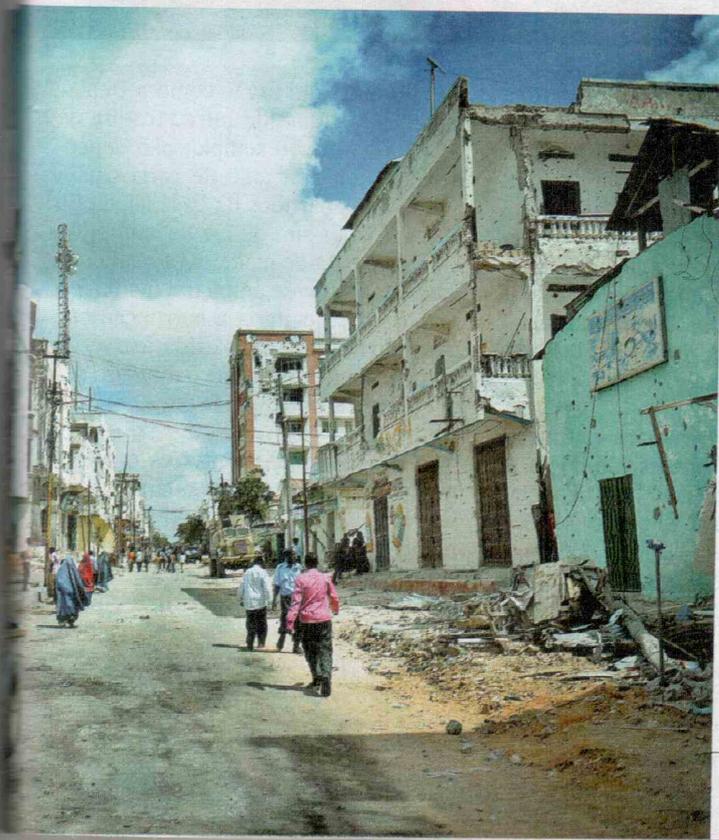
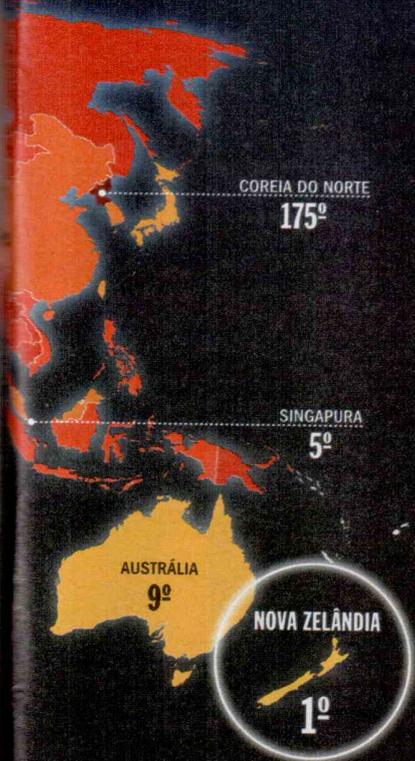
TONY KARUMBA/AFP

## Tudo fica melhor

Um país com grande liberdade econômica, com pouca burocracia e onde os cidadãos respeitam as leis e se preocupam com o próximo tende a ser mais honesto e menos corrupto. O resultado é uma sociedade mais rica, mais justa e com serviços públicos de melhor qualidade

Fontes: FMI, OMS, Heritage Foundation, National Bureau of Economics Research, Banco Mundial, Charities Aid Foundation, IBPT, Universidade Victoria e OCDE

BRASIL		NOVA ZELÂNDIA
114 <sup>o</sup>	Ranking da liberdade econômica	5 <sup>o</sup>
116 <sup>o</sup>	Ranking da facilidade para empreender	3 <sup>o</sup>
107,5	Tempo para abrir uma empresa (em dias)	0,5
30	Tempo para registrar uma propriedade (em dias)	1
91 <sup>o</sup>	Ranking da filantropia	2 <sup>o</sup>
9%	Sonegação fiscal (em proporção ao PIB)	3%
12 117	Renda per capita (em dólares por ano, em 2013)	30 396
59 <sup>o</sup>	Ranking da educação (Pisa)	18 <sup>o</sup>
85%	Saneamento básico em áreas rurais	100%
50 vezes maior	Desigualdade social (diferença de renda entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres)	8 vezes maior
21	Taxa de homicídios (por 100000 habitantes)	1



**O PIOR**  
Mogadíscio, capital da Somália: a corrupção corrói os serviços públicos e a paz social

maoris, mas nada comparado com os massacres que ocorreram nos Estados Unidos ou no Brasil. Os primeiros colonos não eram degredados, mas membros da classe média britânica do século XIX. Eles levaram consigo a herança calvinista e a ética do trabalho e do respeito entre indivíduos. Isso, aliado ao isolamento e à população diminuta (atualmente são 4,5 milhões de habitantes), criou um ambiente de intenso controle social. “Todos estão de olho em todos, e não há tolerância a desvios éticos”, diz Lyn Provost, chefe da Controladoria e Auditoria-Geral, órgão responsável por fiscalizar o governo. “Se um empresário oferecer suborno a alguém, em pouco tempo ele vai parar em uma delegacia”, diz o consultor de negócios Stephen Diver, de Auckland. O país, porém, não se fia na cultura de honestidade e está constantemente aprimorando as instituições para eliminar o risco de corrupção. A seguir, estão sete lições para o Brasil nesse quesito.



### **1 Acabar com as indicações políticas para cargos no governo**

Os neozelandeses orgulham-se de ter um serviço público apolítico. Os postos do segundo escalão do governo, chamados no país de “executivos-chefes”, podem ser disputados por qualquer cidadão e são todos ocupados por pessoas que passaram por uma rigorosa seleção, com avaliação de currículos, entrevistas e checagem de antecedentes. Esse recrutamento é feito por um órgão independente, a Comissão de Serviços do Estado (SSC, na sigla em inglês), cujo chefe é nomeado pelo Parlamento para um mandato de cinco anos. Os ministros podem recusar uma indicação feita pela SSC, mas isso raramente acontece. Cada profissional escolhido por essa comissão, por sua vez, forma sua equipe sem a interferência de nenhum político ou partido, também segundo critérios objetivos

definidos em lei. No Brasil, há uma média de 590 funcionários de confiança, que não fizeram concurso público, por ministério. Na Nova Zelândia, eles não passam de três por pasta. “O fato de o nosso sistema ser baseado no mérito garante que os serviços públicos sejam eficientes e que neles não haja nepotismo ou favorecimento político”, diz Gordon Davis, assessor jurídico-chefe da SSC.

### **2 Estabelecer metas para os funcionários de segundo escalão**

Os executivos-chefes também têm mandato de cinco anos, e só podem ser destituídos se cometerem uma falta grave. O seu contrato pode ser renovado por mais três anos, desde que tenham obtido o desempenho esperado pela SSC. Isso é avaliado com base em metas estabelecidas periodicamente. Se esse modelo fosse aplicado ao Brasil, o emprego

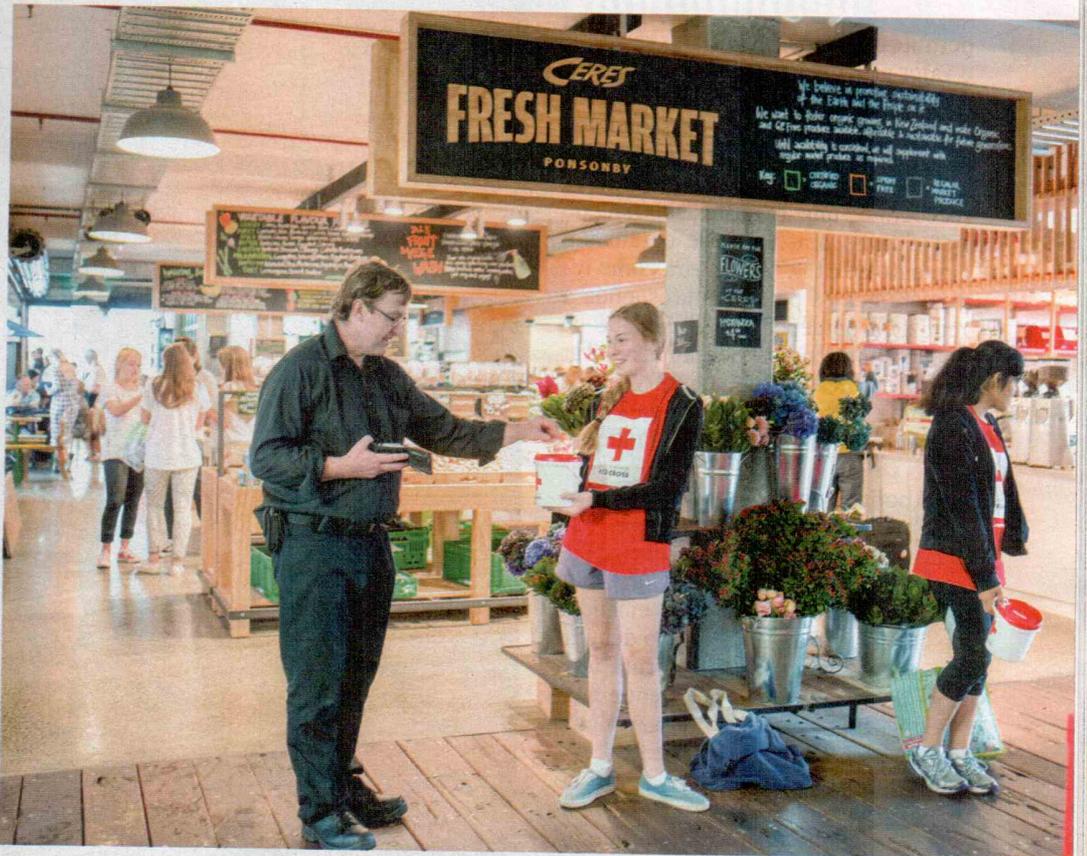
do diretor de um órgão como o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, por exemplo, não dependeria de um rearranjo de cargos para agradar aos partidos da base aliada do governo, mas sim de ele ter cumprido ou não a meta de melhorar a qualidade das estradas ou de ampliar a malha ferroviária. Isso evitaria a corrupção que nasce do fisiologismo partidário e serviria de incentivo para que o dinheiro público fosse aplicado onde deve.

### **3 Tirar dos parlamentares o poder de decidir o próprio salário**

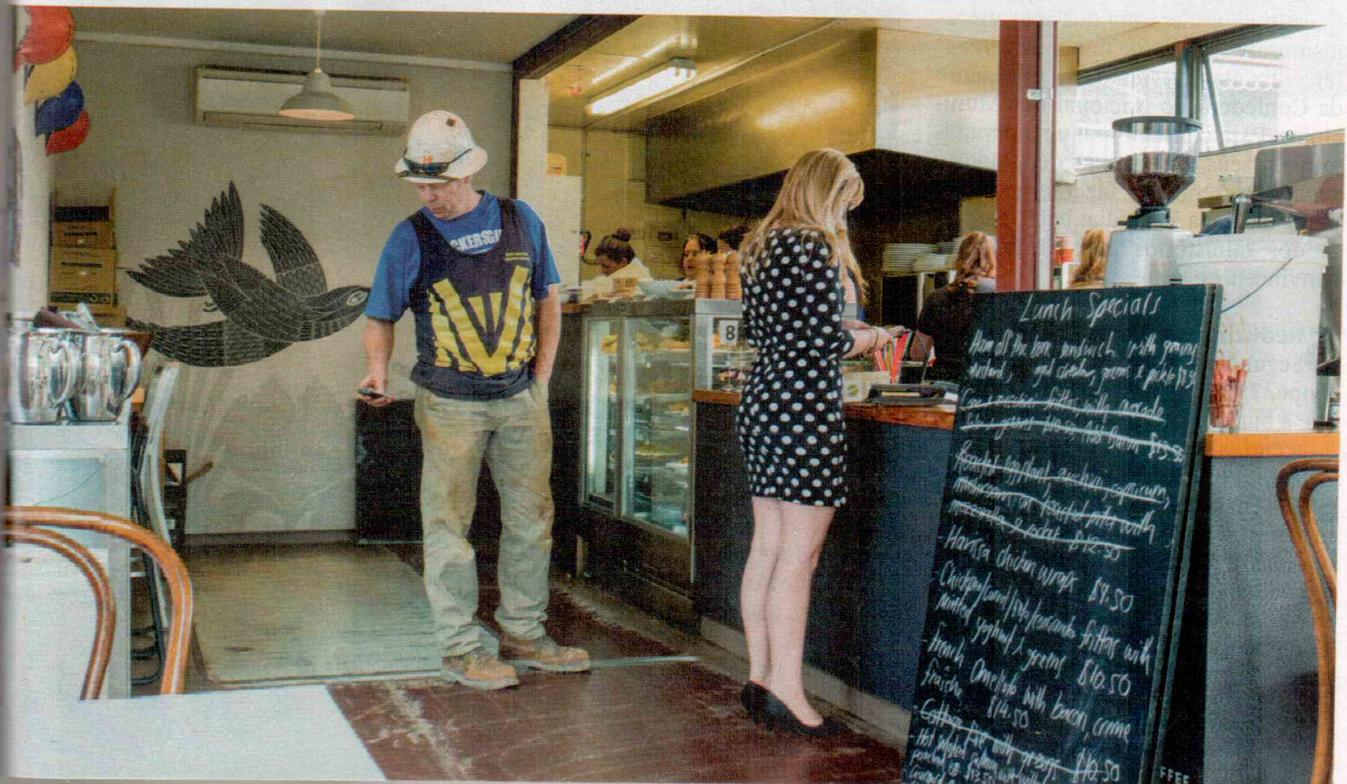
Na Nova Zelândia, o salário dos parlamentares e dos juizes é estipulado pela Autoridade de Remuneração, um órgão formado por um executivo-chefe e um conselho de três pessoas com mandato fixo, nomeadas pelo governador-geral (o representante no país da rainha Elizabeth II, da Inglaterra). A lei



FOTOS ERIC GARAU/PICTURE THANK



**TRADIÇÃO** Entre os fatores que sustentam o senso de honestidade do país estão a coesão social e histórica (ao lado, igreja anglicana em Auckland), a disposição de ajudar o próximo (acima, voluntárias da Cruz Vermelha) e o igualitarismo (abaixo, operário e executiva no mesmo restaurante, em Christchurch)



## Especial

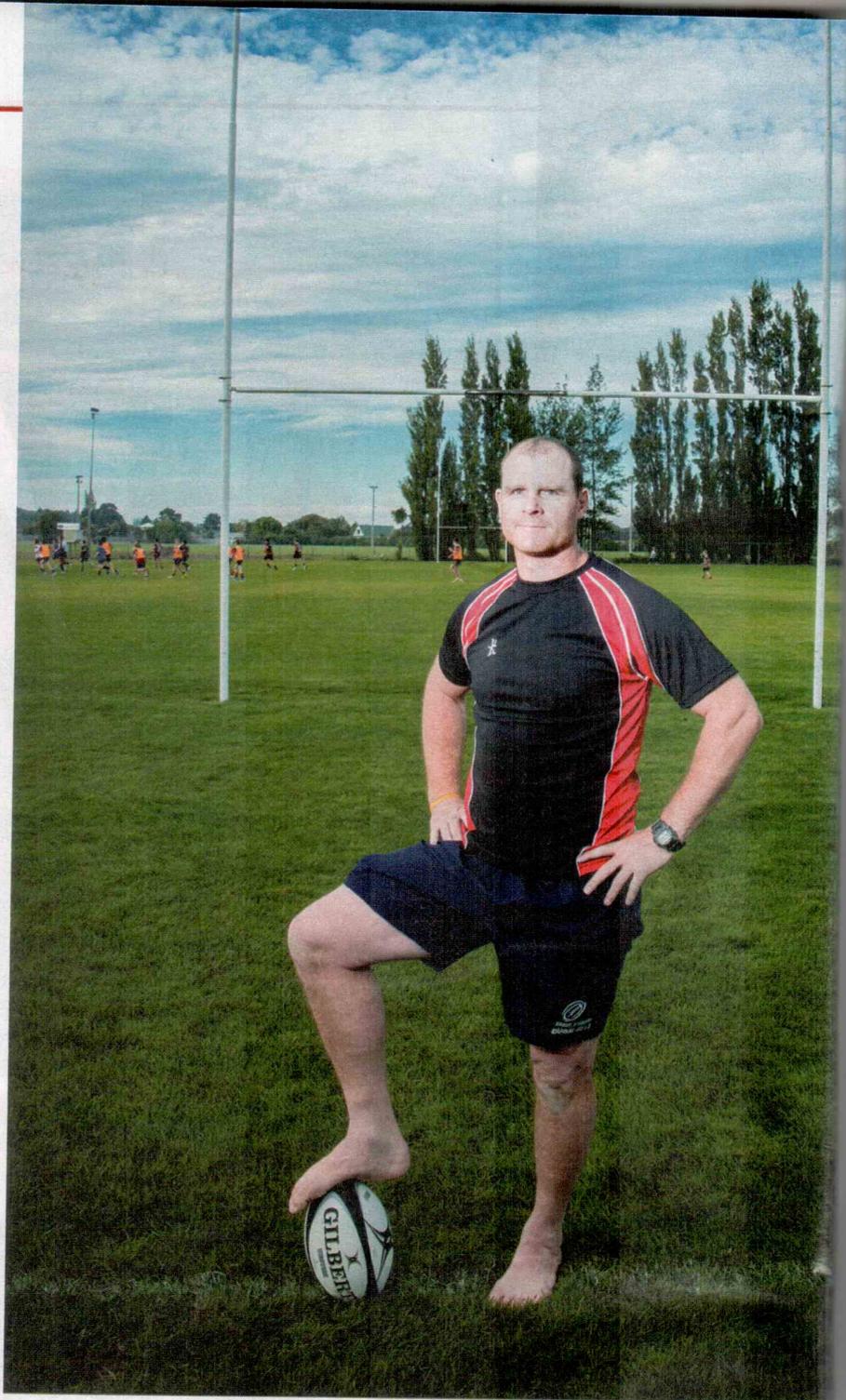
permite que os parlamentares recusem o valor proposto, mas isso dificilmente resulta em aumento no salário. No Brasil, os deputados e os senadores aprovam a própria remuneração. Em 2011, os parlamentares neozelandeses receberam um reajuste salarial de 1,5%. Já os brasileiros se deram um aumento de 61%. “A maneira como remuneramos os parlamentares ajuda a reduzir a percepção da sociedade de que os políticos só pensam em tirar vantagem pessoal de seu cargo”, diz Suzanne Snively, presidente da Transparência Internacional neozelandesa.

### 4 Abolir as emendas parlamentares

Os legisladores neozelandeses não têm o poder de distribuir dinheiro para sua base eleitoral, como ocorre com os brasileiros por meio das emendas ao Orçamento da União. Cada deputado e senador no Brasil desfruta uma cota de 15 milhões de reais em emendas. Na prática, só 17% desse valor é realmente gasto pelo governo, mas nem por isso deixa de ser um prato cheio para contratos entregues a compadres e compras de ambulâncias superfaturadas, entre outras falcatruas. “Se um dia as emendas individuais forem abolidas, os políticos vão deixar de enganar o povo com a promessa de obras que não serão realizadas, e o Executivo perderá um dos seus mecanismos de compra de apoio parlamentar”, diz Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional dos Municípios. Para conseguirem uma obra vital para seus eleitores, os deputados e senadores terão de fazer como seus pares da Nova Zelândia: bater na porta dos ministérios com argumentos convincentes.

### 5 Reduzir a papelada

Segundo uma pesquisa da CNI/Ibope, 73% dos brasileiros acreditam que a burocracia estimula a corrupção e incentiva a informalidade. Na Nova Zelândia, é possível abrir e fechar empresas em questão de horas, a um custo baixo. O processo para conseguir um alvará de segurança contra incêndio para o imóvel de uma empresa, por exemplo, pode ser feito pela internet. Com isso, os fiscais do governo têm menos oportunidade de achacar os



## OS CAMPEÕES DO JOGO JUSTO

Os neozelandeses são os melhores do mundo no rúgbi. Os atletas da seleção nacional, os All Blacks, também têm a reputação de jogar limpo — o chamado *fair play* —, isso num esporte com intenso contato físico. “O que nós fazemos no campo serve de exemplo ético para as crianças do país”, diz o ex-jogador profissional **Matt Mustchin**, treinador do Christchurch Football Club, um time amador do qual saíram 32 All Blacks. Entre eles, o atual capitão da seleção, Richie McCaw, eleito em 2012 pelos neozelandeses a pessoa mais confiável do país — confirmando a influência do esporte na percepção de honestidade nacional.

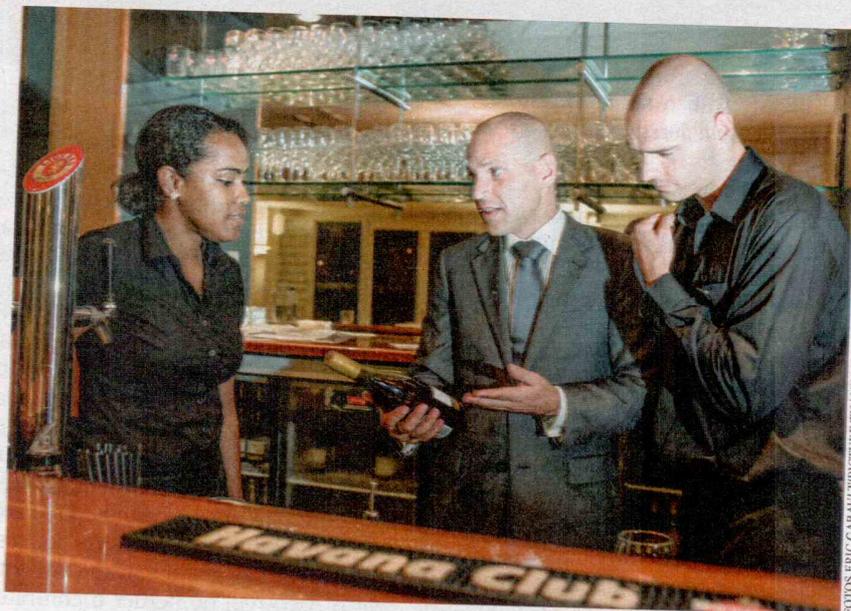


## CONFIANÇA TOTAL

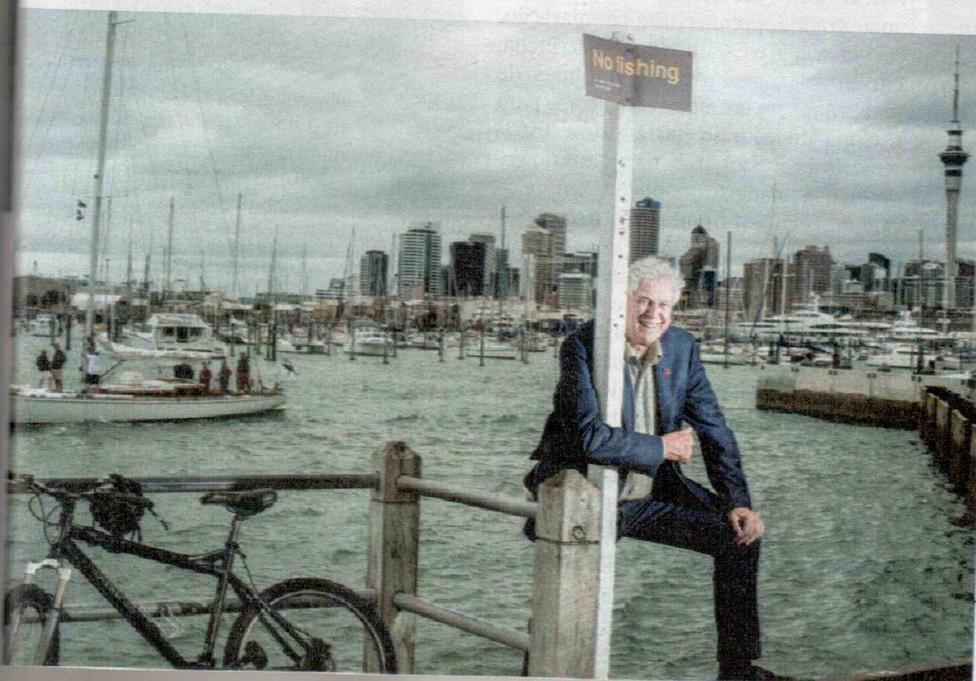
O sargento **Jono Chappell** atua em um bairro da periferia de Auckland. Periodicamente, ele visita os jovens moradores que já cometeram pequenos delitos ou que estão na iminência de entrar para gangues locais (como é o caso do adolescente ao lado) para convencê-los a fazer um curso profissionalizante. A relação é cordial. Nada menos que 79% da população do país confia muito ou totalmente na polícia. “Queremos ser a polícia que estende a mão, não apenas a que pune”, diz Chappell.

## O JEITINHO HONESTO

O sergipano **Paolo Lima** (no centro da foto) é dono de uma empresa de eventos em Auckland, e presta serviços tanto a clientes privados quanto ao governo. Sua equipe foi contratada para organizar a visita do príncipe William e de Kate Middleton à cidade, na próxima semana, o que inclui designar os seus mordomos e motoristas, além de preparar a dieta do casal. “Nunca recebi um pedido de propina para assegurar um contrato com o governo, o que seria de praxe no Brasil”, diz Lima, que não consegue imaginar lugar melhor no mundo para fazer negócios. “Aqui não existe o equivalente ao jeitinho brasileiro para burlar regras e tirar vantagem sobre os outros”, comemora.



FOTOS: ERIC GARAU/PICTURE THANK



## SEM IMPUNIDADE

**Sir Robert Harvey** foi presidente do Partido Trabalhista, uma das principais legendas da Nova Zelândia, e hoje comanda a revitalização da Marina de Auckland, a maior cidade do país. “Ao longo da minha carreira política, todas as pessoas da administração pública que eu vi envolvidas em casos de corrupção acabaram pegas. E foram poucas”, diz Harvey. Ele completa: “Essas pessoas nunca mais foram eleitas ou conseguiram um cargo público, porque os neozelandeses não esquecem esse tipo de desvio”.



STEVE BICKNELL

**PAGUE E PEGUE** Na beira das estradas, são comuns as “caixas da honestidade”, banquinhas com flores, frutas ou biscoitos à venda, sem ninguém tomando conta

empreendedores. Em algumas capitais brasileiras, o processo é feito à moda antiga e gera pilhas de documentos.

## 6 Investigar e punir até os menores desvios éticos na polícia

Uma vez por ano, todos os policiais da Nova Zelândia são convidados a responder anonimamente a um questionário na internet. Nele, podem contar se viram algum caso de abuso de poder, assédio ou corrupção por parte de um colega. Com essa informação, a corregedoria pode identificar as delegacias mais problemáticas e fazer investigações direcionadas. Também é possível denunciar policiais a qualquer momento por meio de um número de telefone administrado por um órgão independente. Todos os desvios de conduta, por menores que sejam, são investigados. Os casos mais graves são encaminhados à Justiça. As demissões podem ser feitas sem complicação, porque os policiais não têm estabilidade no cargo, como ocorre no Brasil. Como resultado, quase não há o que denunciar. Em média, o disque-denúncia recebe apenas cinco casos por mês relacionados à polícia, em geral de assédio sexual. “Em catorze anos na corporação, nunca soube de um colega que tenha pedido ou aceitado suborno”, diz Mike Webb, diretor-geral de Planejamento, Política e Relacionamentos da polícia neozelandesa.

## 7 Dar incentivos a construtoras eficientes — e punir o sobrepreço

O maior canteiro de obras do país da Oceania é Christchurch, uma cidade que foi devastada por um terremoto em 2011. Uma parcela considerável do trabalho de reconstrução consiste em reparar as ruas e refazer toda a rede de água e esgoto local. Essa parte da obra foi estimada inicialmente em 3 bilhões de dólares e está custando apenas 3% mais do que deveria no estágio atual, com quase metade do trabalho já concluída. Esse é o padrão dos aditivos contratuais no país. As empreiteiras que o extrapolam correm o risco real de perder o contrato, amargando o prejuízo. Em comparação, previa-se que o Estádio Mané Garrincha, em Brasília, custaria 696 milhões de reais, mas será entregue com atraso para a Copa do Mundo gastando-se 156% mais. Em Christchurch, os órgãos do governo que financiam a obra e as empresas que a executam dividem os riscos — e também os ganhos. Assim, se as empreiteiras gastarem menos do que o previsto, elas dividirão o dinheiro que sobrou com o Estado. Além disso, os custos da obra são fiscalizados constantemente por um auditor independente, algo também previsto na lei brasileira, mas que não ocorre na prática. “A prestação de contas e a transparência estão no cerne da lisura dessa atividade”, diz Duncan Gibb, diretor-geral da aliança em Christchurch. ■

COM REPORTAGEM DE LEONARDO COUTINHO

# O atacante como espelho da nação

Por ser um experimento repetido em todo o mundo sob as mesmas condições — isto é, com as mesmas regras —, o futebol é um bom teste para estudar diferenças entre os países. Em campeonatos que reúnem atletas de várias nações, os jogadores tendem a atuar como se estivessem em sua própria terra. Assim, ao cometerem uma falta, xingarem o juiz ou pedirem uma desculpa, eles deixam transparecer o comprometimento que têm às regras, o desleixo que nutrem pela autoridade ou a vontade de se adaptar às normas vigentes. A mesma análise vale para as torcidas, que podem condenar um malfeito ou aplaudi-lo, dependendo da conduta corrente em sua cultura nacional.

Um exemplo recente de dignidade em campo ocorreu na Alemanha, a 12ª colocada na lista de países com menor percepção de corrupção segundo a Transparência Internacional. No jogo entre o Werder Bremen e o Nuremberg no dia 8 de março, o alemão Aaron Hunt caiu na área e o juiz deu pênalti. Hunt, do Werder, foi até o árbitro e explicou que tropeçara sozinho. Os adversários agradeceram. O juiz recuou da decisão. Em 2012, o alemão Miroslav Klose, que no Brasil poderá ultrapassar Ronaldo e se tornar o maior artilheiro em Copas do Mundo, marcou um gol irregular pela Lazio, na Itália. Para desespero dos colegas de time, ele foi ao ouvido do juiz e admitiu que tocou a bola com a mão, sem querer. O gol foi anulado, e seu time perdeu a partida. “O gesto que merece um prêmio”, disse o então zagueiro do Napoli, Paolo Cannavaro.

Tanto na Alemanha como na Inglaterra (14ª na lista dos menos corruptos), atletas que se jogam na grama e tentam ludibriar o juiz muitas vezes são execrados pelos próprios torcedores. Provocar situações



## VEM DO BERÇO

À esquerda, o espanhol Sérgio Ramos é expulso após Neymar cair na área. Abaixo, Aaron Hunt diz ao juiz que não foi pênalti

STRINGER/REUTERS

criticado, mas uma foto do jornal *Marca*, do dia seguinte, tirou as dúvidas sobre o lance. O brasileiro teria reduzido a velocidade intencionalmente, para que o oponente acabasse encostando em seu corpo. Eticamente é condenável, mas foi dentro das regras. "Não existe um estudo que permita fazer a comparação entre o comportamento de diferentes nacionalidades no futebol, mas é claro que os jogadores brasileiros carregam para dentro do campo o desprezo que têm pelas regras", diz o filósofo Luiz Felipe Pondé. O mesmo raciocínio vale para os argentinos, que também valorizam a manha e o drible. Não por acaso, o lance mais famoso no país é o gol de mão de Diego Maradona durante a Copa de 1986, vencida pela Argentina (os ingleses não aceitam o golpe até hoje). Tanto brasileiros como argentinos estranham quando presenciaram a paixão de alemães, ingleses ou escandinavos pelas normas. Países em que os cidadãos são educados para respeitar as regras são, em geral, nações menos corruptas. Para os juizes, não há dúvida de que a vida é mais fácil quando os jogadores têm essa cultura. "No Brasil, o juiz enfrenta 22 inimigos em campo. Até o gândula demora para entregar a bola, e às vezes é preciso expulsar os homens que carregam a maca", diz o comentarista esportivo Maurício Teixeira. "Em países como a Alemanha, os erros de arbitragem são menores porque os jogadores acabam ajudando o juiz", diz. O mesmo princípio explica por que o trabalho da polícia e das agências anticorrupção da Nova Zelândia parece tão mais fácil. A população ajuda.

BUNDESLIGA



falsas para tirar proveito é algo que merece ampla condenação. Entre os ingleses, esses atletas são apelidados de *divers*, porque mergulham na grama. Um bem conhecido era o português Cristiano Ronaldo, que hoje integra o Real Madrid. Na Espanha, são os *piscineros*. O brasileiro Neymar, do Barcelona, já levou do Brasil para a Espanha sua fama de "cai-cai". Em parte, isso se dá pelo

fato de o craque ser franzino e habilidoso, o que o torna alvo constante dos adversários. Mas seu comportamento também conta. Em um clássico contra o Real Madrid, no domingo 23, Neymar foi para o chão dentro da área em um lance com o espanhol Sérgio Ramos. O pênalti, batido pelo argentino Lionel Messi, garantiu a vitória do Barcelona. Ramos recebeu cartão vermelho e foi expulso. Neymar foi

expulsar os homens que carregam a maca", diz o comentarista esportivo Maurício Teixeira. "Em países como a Alemanha, os erros de arbitragem são menores porque os jogadores acabam ajudando o juiz", diz. O mesmo princípio explica por que o trabalho da polícia e das agências anticorrupção da Nova Zelândia parece tão mais fácil. A população ajuda.

DUDA TEIXEIRA